

## ARTE E IDENTIDADE: CONVERSANDO COM AS CRIANÇAS SOBRE MEMÓRIAS E REPRESENTATIVIDADE

Tainá Silva Santos<sup>1</sup>  
Sonize Lepke<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

O trabalho é um recorte das atividades e discussões desenvolvidas no Programa Residência Pedagógica (PRP) com os alunos do Segundo ano do Ensino Fundamental. A preocupação com os processos inclusivos permeia o projeto de PRP do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS), campus Erechim (RS) e neste projeto realizamos discussões sobre o afro-brasileiro<sup>3</sup>.

Neste sentido, a partir da inserção na escola campo, das observações, da análise do contexto da escola e dos alunos, definimos juntamente com a professora preceptora e a professora orientadora, elaborar o projeto “Arte e Identidade: conversando com as Crianças sobre Memória e Representatividade”. Que tinha como objetivo geral: discutir a valorização da cultura e identidade afro-brasileira.

A partir das observações foi possível verificar que o tema que envolve a arte, identidade afro-brasileira, crianças e memória também perpassa a vida e experiência da residente. É preciso reafirmar que a docência exige pensar, tempo e atenção ao que é vivido, especialmente diante ao seu aluno que tem uma trajetória de vida, memórias e enfrentamentos.

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. (BONDIA, 2002, p. 26)

A partir de Bondia (2002) entendemos que projeto permitia, para além das atividades e reflexões com alunos, a constituição da identidade docente da acadêmica e residente. Atendendo assim, um dos objetivos específicos no Art. 4º do PRP: II - contribuir para a construção da identidade profissional docente dos licenciandos (BRASIL SEI/CAPEL, 2022).

Para melhor compreender como o projeto foi efetivado, descrevemos o processo na sessão metodologia.

<sup>1</sup> Acadêmico(a) do Curso de Pedagogia – 8ª fase/ 2º semestre de 2023. Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS). [taiinasantoss@gmail.com](mailto:taiinasantoss@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Docente Orientador(a) do PRP. Prof. (a) do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS). [sonize.lepke@uffs.edu.br](mailto:sonize.lepke@uffs.edu.br)

<sup>3</sup> Termo utilizado para designar parcela da população brasileira auto-identificada como descendentes de povos nativos da África Subsaariana.

## 1- METODOLOGIA

O projeto foi realizado na Escola Estadual São Batista de La Salle, no município: Erechim/RS. A escola fica localizada em um dos bairros da cidade. Os alunos da escola moram próximos e permanecem na escola nos dois turnos. A partir dos dez dias de observações realizadas das aulas, atividades desenvolvidas e diálogos com a professora orientadora, construímos uma proposta que seria realizada na sequência.

A proposta foi elaborada de forma colaborativa (residente, professor orientador e preceptora) pensando em ações pedagógicas voltadas aos alunos. Pois muitos foram os questionamentos em relação ao cabelo da residente. Perguntas como: “*Esse cabelo é bem enroladinho né*”, “*Como você faz esses cachinhos professora? Ou ainda “Eu acho ele lindo”*”. As frases ao mesmo tempo que expressam curiosidade, também evidenciam a possibilidade de identificar-se com a residente (professora)<sup>4</sup>, pois muitas crianças tinham também tinham cabelos afro. Para King (2015, p.8);

Definido por muitos como “a moldura do rosto”, o cabelo pode dar informações sobre as origens, pertencimentos a grupos sociais e hábitos de uma pessoa, aproximando ou afastando indivíduos enquanto elementos de identidade corporal. Eles possuem uma grande capacidade de expressão simbólica, vinculados a um contexto sociocultural.

A inserção permitia observar uma identificação entre alguns alunos, a residente, bem como interesse por parte dos demais alunos em compreender mais sobre identidade. Por tanto, no terceiro momento, realizamos o desenvolvimento da proposta com os alunos do 2º ano do Ensino Fundamental composta por 26 crianças matriculadas, entre 7 e 8 anos de idade. Com os quais retomamos o conceito de identidade através da arte, pois concordamos com Munanga (2003) a falta de conhecimento sobre a identidade é uma forma de ferir e agonizar, por isso torna –se necessário o conhecimento sobre a mesma.

Na perspectiva do projeto, a educação se configura como um ato de acolhimento e respeito ao corpo, características e necessidades, especialmente dos afro-descendente a partir da discussão sobre as dificuldades impostas quanto a formulação da sua identidade e os reflexos deste processo na sociedade.

As crianças da turma citada, foram convidadas a refletir sobre o tema a partir de leituras, discussões, atividade de desenho e pintura, brincadeiras, contos. A diversidade de atividades propostas, tinha como centralidade a reflexão e o reconhecimento que o Brasil é um país multicultural, com uma população diversa, com cultura, características que os identificam.

As atividades desenvolvidas foram detalhadamente registradas no caderno da residente, bem como as observações da mesma, para posterior análise. O projeto foi encerrado no mês de setembro, porém, muitos dados ainda não foram analisados e poderão compor novas escritas sobre o tema.

## 2- DISCUSSÕES POSSÍVEIS

As discussões e conteúdos escolares sobre a população negra no Brasil são complexas e por vezes, repletos de fascínio pela diversidade cultural, mas sem aprofundamento que contribua para a superação do preconceito. Neste sentido,

<sup>4</sup> Faz-se necessário esclarecer, que os alunos das escola em que foram desenvolvidas as atividades do PRP fazem referência aos residentes como professoras.

retomo Santiago (2020) que afirma que as “crianças pequeninhas, negras e brancas não são apenas produzidas pelas culturas, mas também produtoras de cultura” (p.3). Logo, a necessidade de dialogar sobre o tema.

A construção de uma sociedade verdadeiramente democrática é crucial. Para tanto, em um primeiro momento, faz-se necessário o reconhecimento das desigualdades instaurada a partir da chegada forçada dos negros e os processos de exploração que foram submetidos nas terras brasileiras. E após a abolição a permanência dos discursos de inferioridade e impossibilidades impostas aos seus descendentes.

Por muito tempo também:

[...] a imposição cultural de origem eurocêntrica passa pela abordagem curricular da escola básica e faz com que grupos e povos, dentre estes os/as negros/as, fiquem invisibilizados e inferiorizados, porque submetidos a padrões hegemônicos, geralmente considerados como os únicos a serem valorizados. (LIMA, 2015, p.24)

Neste sentido, o diálogo, as reflexões sobre a identidade no contexto escolar tornam-se tão importante, pois permite o falar e o expressar de todos os presentes (crianças, professores e comunidade escolar) e o mesmo pode ocorrer de diferentes modos, porém, cabe ao professor criar estratégias para que alunos participem, sejam protagonistas do processo.

Assim como afirmado:

Faz-se necessário escutar os ruídos das paredes, dos móveis, os dizeres proferidos pelas crianças pequeninhas – é indispensável que os/as docentes se ouçam. A educação das relações étnico-raciais somente será legitimada quando todos os elementos que constroem a educação infantil se escutarem, conversarem, discordarem, e produzirem a diferença como elemento produtivo da pedagogia da infância desenvolvida pela instituição. É necessário ouvir. Escuta? (SANTIAGO,2015 p. 150).

No desenvolvimento do projeto buscamos ouvir e dar sonoridade aos que os alunos pensam e viviam. E este talvez seja, o aspecto mais importante a ser apontado sobre as atividades desenvolvidas.

## CONCLUSÃO

Concluindo, mas sem encerrar a discussão. A dar voz e ouvir o pensamento e a linguagem dos alunos podemos avançar na discussão sobre a identidade, afro-descendência, preconceito e assim assegurar as bases para uma escola inclusiva.

E ainda, é preciso reafirmar a necessidade de olhar para o " cabelo diferente", a “cor” não representada nos contos, nas produções artísticas, nas imagens dos livros, no professor que não é negro, para deste modo evidenciar que somos um país multicultural, mas que ainda tem dificuldades de discutir identidade do seu povo.

Pois é aquilo que “se passa”, a “experiência” que pode ou não dar sentido quanto a forma que olho para a identidade ou não. Seja enquanto aluno, residente, professor ou familiar.

## REFERÊNCIAS

- BONDÍA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha: 2002.
- BRASIL. MEC/CAPEES. Portaria GAB Nº 82, de 26 de abril de 2022. **Dispõe sobre o regulamento do Programa Residência Pedagógica - PRP**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3HcWCfy>. Acesso em 06 nov. 2023
- KING, Ananda Melo. **Os cabelos como fruto do que brota de nossas cabeças**. Geledés Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/os-cabelos-como-fruto-do-que-brota-de-nossas-cabeças/> Acessado em: 12 de novembro de 2023.
- LIMA, Maria Nazaré Mota de. **Relações étnico-raciais na escola: o papel das linguagens**. Salvador: EDUNEB, 2015
- MUNANGA, Kabengele. **“Ação Afirmativa em benefício da população negra”**. In: **Universidade e Sociedade**. Revista do Sindicato ANDES Nacional, nº 29, março de 2003. pp.46-52.
- SANTIAGO, Flávio. **“Não é nenê, ela é preta”**: educação infantil e pensamento interseccional. Educação em Revista, v. 36, p. e220090, 2020.
- SANTIAGO, Flávio. **Gritos sem palavras: Ritos sem palavras: Resistências das crianças pequeninhas negras frente ao racismo**. Educação em Revista, v. 31, n. 2, p. 129–153, abr. 2015.